

CONVERSAS GRACILIANO RAMOS

ORGANIZAÇÃO
THIAGO MIO SALLA
E **IEDA LEBENSZTAYN**

1ª edição



EDITORA RECORD
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

2014

[...] *Desejo de ir além das aparências, tentar descobrir nas pessoas qualquer coisa imperceptível aos sentidos comuns. Compreensão de que as diferenças não constituem razão para nos afastarmos, nos odiarmos. Certeza de que não estamos certos, aptidão para enxergarmos pedaços de verdades nos absurdos mais claros. Necessidade de compreender, e se isto é impossível, a pura aceitação do pensamento alheio.*

— *Não concordo com as suas ideias, mas respeito-as. [...].*

Graciliano Ramos, *Memórias do cárcere*, v. I, capítulo 11

Sumário

PREFÁCIO — Conversas com Graciliano Ramos: calado e prosador do inferno — Ieda Lebensztayn e Thiago Mio Salla 11

ENTREVISTAS

1. Um inquérito. *Jornal de Alagoas*, 1910 51
2. *Vidas secas*: Uma palestra com Graciliano Ramos, Brito Broca. *A Gazeta*, 1938 66
3. Conversas com Graciliano Ramos, Joel Silveira, 1938 73
4. Graciliano Ramos, José Condé. *O Cruzeiro*, 1939 81
5. Graciliano Ramos conta sua vida, Joel Silveira. *Vamos Ler!*, 1939 88
6. Um depoimento literário brasileiro: Marques Rebelo (Eddy), Castro Soromenho. *O Primeiro de Janeiro*, 1939 97
7. Como fazer um romance, Paulo de Medeiros e Albuquerque. *A Gazeta Magazine*, 1941 101
8. Graciliano Ramos, aos cinquenta anos, Francisco de Assis Barbosa. *Diretrizes*, 1942 110
9. O modernismo morreu?, Osório Nunes. *Dom Casmurro*, 1942 131
10. “Os chamados romances sociais não atingiram as massas.”, Ernesto Luiz Maia. *Renovação*, 1944 137

11. As celebridades, suas manias e predileções. *A Noite*, 1944 144
12. Graciliano Ramos ingressa no Partido Comunista do Brasil e participa da luta pela Constituinte. *Tribuna Popular*, 1945 150
13. Graciliano Ramos, escritor do povo e militante do PC, Ruy Facó. *Tribuna Popular*, 1945 157
14. Graciliano Ramos conta como escreveu *Infância*, seu recente livro de memórias, Armando Pacheco. *Vamos Ler!*, 1945 164
15. Perfil apressado do velho Graça, Joel Silveira. *Revista do Globo*, 1946 173
16. Diário 14, “Os Arquivos Implacáveis”, João Condé. *A Manhã*, “Letras e Artes”, 1946 179
17. Graciliano Ramos recorda: Febre, polinevrite e tuberculose. Heranças do presídio da Ilha Grande. *Tribuna Popular*, 1947 183
18. Como eles são fora da literatura: Graciliano Ramos, Homero Senna. *Revista do Globo*, 1948 188
19. Obras-primas desconhecidas do conto brasileiro, Otto Maria Carpeaux, *A Manhã*, 1949 207
20. Carta do Brasil: Graciliano Ramos fala ao *Diário Popular* acerca dos modernos romancistas brasileiros, Castro Soromenho. *Diário Popular*, 1949 214
21. Afirma Graciliano Ramos: “Não me considero um escritor”. *Folha da Manhã*, 1949 219
22. Nossos escritores — Graciliano Ramos: “Sempre fui antimodernista”; “Traços de identidade”, José Tavares de Miranda, *Folha da Manhã*, 1951 224
23. Conversa com Graciliano Ramos, Miécio Táci. *Temário*, 1952 234
24. Graciliano Ramos: romance é tudo nesta vida, José Guilherme Mendes. *Manchete*, 1952 245
25. Entrevista a Marques Gastão (*Diário de Lisboa*, 1952) e artigos com o desmentido de Graciliano Ramos 255

ENQUETES E DEPOIMENTOS

1. De Graciliano Ramos. *Dom Casmurro*, 1937 281
2. Como se referem à *Revista Acadêmica* os maiores escritores e artistas do Brasil. *Revista Acadêmica*, 1938 285
3. Ninguém tem dúvida. *Diário da Noite*, 1938 287
4. Um inquérito entre crianças. *O Observador Econômico e Financeiro*, 1938 289
5. Poderia um nazista escrever um bom poema?, Dalcídio Jurandir. *Diretrizes*, 1942 291
6. Autorretrato: Graciliano visto por Graciliano. *Leitura*, 1942 296
7. Qual a influência de Anatole France na literatura brasileira?, Melchisedech Aires da Cruz. *Dom Casmurro*, 1944 301
8. Sobre o atual funcionamento legal do Partido Comunista como fator de equilíbrio e segurança da democracia brasileira. *Tribuna Popular*, 1945 304
9. Depoimento de duas gerações, Almeida Fischer. *A Manhã*, 1946 306
10. Qual a melhor definição de poesia?. *A Manhã*, 1946 308
11. A palavra de Graciliano Ramos, *Tribuna Popular*, 1946 311
12. Retrospecto do ano literário. *A Manhã*, “Letras e Artes”, 1946 314
13. Escritores e artistas falam sobre o aniversário de Prestes. *Tribuna Popular*, 1947 316
14. “A baba da reação não atinge Prestes”. *Tribuna Popular*, 1947 318
15. O massacre foi premeditado. *Tribuna Popular*, 1947 321
16. Autorretrato de Graciliano Ramos aos 56 anos. *A Manhã*, “Letras e Artes”, 1948 323
17. A ABDE não é um clube recreativo. *Folha do Povo*, 1949 326
18. Graciliano Ramos e o Manifesto de Prestes. [*Imprensa Popular*], 1950 330
19. Caloroso apoio popular ao comício da Esplanada. *Imprensa Popular*, 1951 332
20. Monstruoso atentado à paz mundial. *Imprensa Popular*, 1952 334

CAUSOS

1. O pouso do morcego, Aurélio Buarque de Holanda, *Jornal de Notícias* 339
2. Últimas palavras, Aílton Santos, *Folha de S.Paulo* 341
3. Alagoas, Sebastião Nery, *Politika* 344
4. Saindo da Ilha Grande, Hildon Rocha 346
5. *Folclore político*: n. 1.649, Sebastião Nery 349
6. Trocadilho de guerra, *Dom Casmurro* 350
7. Otimista, Hildon Rocha, *A Noite* 351
8. *Folclore político*: n. 879, Sebastião Nery 353
9. O intransigente Graciliano, Hildon Rocha, *A Noite Ilustrada* 354
10. O desabafo de Graciliano, Joel Silveira, *Continente Multicultural* 357
11. Independência, Justiniano Borba, *Folha de S.Paulo* 359
12. Duas histórias de Graciliano, M e M, *Politika* 361
13. O elogio, Remo Franco, *Folha de S.Paulo* 363
14. Graciliano e André Gide, Carlos Castello Branco, *Diário Carioca* 365
15. Ponto pacífico, Egydio Squeff, *Imprensa Popular* 367
16. Primeiro plano, Paulo Mendes Campos, *Diário Carioca* 369
17. Porta de livraria, Augusto Aguiar, *A Noite* 371
18. Interpretação, Carlos Castello Branco, *Diário Carioca* 372
19. “Somos dois fodidos”, Ricardo Ramos 373

Índice onomástico 375

VIDA E OBRA DE GRACILIANO RAMOS

- Cronologia 391
- Bibliografia de autoria de Graciliano Ramos 394
- Antologias, entrevistas e obras em colaboração 397
- Obras traduzidas 400
- Bibliografia sobre Graciliano Ramos 403

ENTREVISTAS

1. Um inquérito¹

JORNAL DE ALAGOAS,² 1910



arte e a literatura em Alagoas

**O que são, o que pensam, o que leem os nossos
artistas e literatos**

**Qual a escola predominante entre nós
O jornalismo**

Antes de penetrar no labirinto mais ou menos intrincado deste Inquérito, cujos quesitos não poderei responder com precisão, devo dizer que o *Jornal de Alagoas* cometeu um erro grave colocando-me entre os literatos alagoanos.

Minhas ideias têm pouco valor, porque de literatura pouco conheço.

Não quis ser dos primeiros, desejaria mesmo ser o último.

Aí vai o que fiz:

— Qual o primeiro autor que leu?

Sem falar nas poesias e nos trechos clássicos espalhados por muitos compêndios escolares, a primeira obra que li foi *O guarani*, de José de Alencar.³ Tinha eu dez anos de idade, quando comecei a admirar as bonitas descrições, a linguagem atraente do autor da *Iracema*, os

lances de fidelidade e de amor platônico de um índio, sentimentos impossíveis entre os nossos selvagens, homens desconfiados e lúbricos, segundo a opinião de Southey,⁴ Léry⁵ etc.

“São muito afeiçoados ao pecado nefando”, afirma Gabriel Soares.⁶

No entanto, talvez porque eu fosse demasiado ingênuo, aquele enredo intrincado e belo parecia-me a coisa mais real possível, que naquele tempo eu ainda não conhecia o que há de podre pelo mundo afora.

— Qual o que predominou sobre sua formação literária ou artística?

Desculpem-me não poder eu responder com precisão.

Se quisesse, porém, saber qual o autor que poderia influenciar sobre meu espírito, caso tivesse eu de abraçar a literatura, responderia isto:

Tenho predileção por Aluísio Azevedo,⁷ mas não deixo de admirar outros escritores nacionais e estrangeiros.

Assim, predominaram também sobre mim o realismo nu de Adolfo Caminha e a linguagem sarcástica de Eça de Queirós.⁸

— Qual o que prefere atualmente? Por quê?

Eu disse que preferia Aluísio Azevedo. Por quê? Porque é o mais sincero de quantos manejam a pena em nosso país; porque, afrontando uma sociedade atrasada e uma imprensa parcial e injusta, teve forças para derribar o romantismo caduco; porque em sua vasta obra e fecunda existe o que há de mais verdadeiro e mais simples.

— Para que ramo da beletrística ou das belas-artes propende seu espírito? Por quê?

O meu grande amor é pela prosa, mas gosto também dos versos verdadeiramente artísticos de Olavo Bilac, Alberto de Oliveira, Guimarães Passos, Luís Murat, Luiz Guimarães etc.

Leio uma página de um romance realista, depois folheio as *Poesias* de Olavo Bilac.

A *Alma inquieta*⁹ desfazendo a impressão deixada por uma página do *Bom-crioulo*¹⁰ de Adolfo Caminha.

Repito, porém, que prefiro a prosa ao verso.

Se tenho feito alguns trabalhos poéticos, esquecendo a prosa — por que não confessá-lo? —, é porque não tenho talento para cultivar a escola que prefiro: a escola realista.

E o verso ocupa menor espaço nos jornais.

— Qual o seu primeiro trabalho publicado ou exposto?

— De que gênero esse trabalho?

— Quando o publicou ou expôs?

Meus primeiros trabalhos foram pequeninos contos, simples ensaios sem estética, sem forma, sem coisa alguma. Verdadeiras criançices! Guiado pela mão de Mário Venâncio,¹¹ malogrado amigo que, sempre lutando com o infortúnio, ingeriu um dia uma forte dose de ácido fênico, publiquei minhas primeiras produções em pequenos periódicos, hoje desaparecidos.¹²

O primeiro conto que publiquei foi o “Pequeno mendigo”.¹³

Tinha eu catorze anos, creio que incompletos, quando publiquei, com pseudônimo de Feliciano de Olivença,¹⁴ dois sonetos em *O Malho*.¹⁵

Quase nada tenho feito.

— Que pensa da literatura e das belas-artes em Alagoas?

Não devemos ser muito otimistas, nem demasiado pessimistas. É verdade que Alagoas não é um estado extremamente fecundo em literatos, mas temos vários alagoanos que fazem figura nas letras. Ordinariamente o brasileiro olha as coisas pelo lado pior. Nós, que não escapamos à lei comum, bradamos impensadamente que nosso estado não tem romancistas, não tem poetas, não tem pintores, não tem coisa alguma.

Ora, sem falar nos alagoanos que hoje estão fora das estreitas raias de nosso modesto recanto, podemos ver facilmente que temos tudo quanto os pessimistas nos negam.

Creio que não devemos deixar na penumbra os vultos de Fernandes Tavares,¹⁶ Franco Jatubá,¹⁷ Rosália Sandoval,¹⁸ Rodrigues de Melo,¹⁹ Mota Lima,²⁰ Rosalvo Ribeiro²¹ etc.

Quem não conhece os “Palmares” de Goulart de Andrade,²² a “Orgulhosa” de Júlio Auto,²³ a “Aranha” de Luís Franco?²⁴

Como esquecer o imortal autor de “Guarda e passa” e “Teu lenço”?²⁵

Se Alagoas não é um estado predestinado, não é para admirar, porque as letras e artes em nosso país não estão muito desenvolvidas. Está muito proporcional nosso adiantamento com o do resto do Brasil.

— Há uma arte nacional no Brasil?

Há a poesia.

Tratando-se, porém, de uma arte nossa, devo dizer que não considero puramente nacional a poesia brasileira em geral.

Penso que não é verdadeiramente indígena uma escola que sofre influências exteriores. Assim, considero nacional a poesia indianista.²⁶

— Se há, qual o seu representante mais definido?

Julgo que há mais de um: Basílio da Gama e Santa Rita Durão, representantes do indianismo clássico; Gonçalves Dias, representante do indianismo romântico.

— Que pensa do jornal no tocante às letras e à literatura?

Creio que o jornal é absolutamente necessário, indispensável mesmo à literatura, principalmente em um lugar onde apenas de longe em longe aparece um livro.

— Para onde se dirige o pensamento nacional?

Para o máximo grau da perfeição. Do constante labutar de todos os nossos intelectuais, do choque de ideias e pensamentos diversos, da grande variedade de escolas, resultará fatalmente a evolução.

Se uma época é maninha e sáfara, aparecerão, com certeza, períodos mais brilhantes e fecundos.

Evoluímos, não há dúvida.

— Que pensa sobre a ortografia da língua portuguesa e que sistema prefere?

Não prefiro a ortografia rigorosamente etimológica, nem a fonética rigorosa.

Não podendo, por falta de conhecimentos, seguir à risca o sistema etimológico, sigo a ortografia usual.

— Por que a literatura nacional é tão desconhecida no estrangeiro?

Porque, entre todas as línguas novilatinas, é o português a menos conhecida no exterior.

— Que pensa a respeito de escolas?

— Qual será a escola do futuro?

A melhor escola é, em minha opinião, a que for mais sincera, mais simples, mais verdadeira.

*“Les meilleurs livres sont ceux que chaque lecteur croit qu’il aurait pu faire; la nature, qui seule est toute familière et commune.”*²⁷

Prefiro a escola que, rompendo a trama falsa do idealismo, descreve a vida tal qual é, sem ilusões nem mentiras.

Antes a “nudez forte da verdade” que o “manto diáfano da fantasia”.²⁸

Dizem por aí que os realistas só olham a parte má das coisas.

Mas que querem?

A parte boa da sociedade quase que não existe.

De resto é bom a gente acostumar-se logo com as misérias da vida. É melhor do que o indivíduo, depois de mergulhado em pieguices românticas, deparar com a verdade nua e crua.

Prefiro o realismo, repito, e creio que o realismo será a escola do futuro.

— Qual dos artistas e literatos brasileiros é o melhor? Por quê?

Em respondendo, será preciso repetir quase integralmente o que já ficou dito no quesito n. 3. Prefiro Aluísio aos outros literatos brasileiros.

Foi a *Casa de pensão* o livro que mais viva impressão deixou em meu espírito.

Os braços redondos da mulher do Campos, as formas bem-delineadas de Amélia, a tosse do tuberculoso do n. 7, a afetação do *gentleman*, a pobreza do Paiva Rocha, a adulação de mme. Brizard, os olhinhos pardos e maliciosos do Coqueiro vêm-me sempre à imaginação quando recordo os fatos e os tipos que se agrupavam em volta de Amâncio de Vasconcelos.²⁹

Sem hesitar um só instante, digo que, em minha opinião, é o autor da *Casa de pensão* o melhor literato brasileiro.

— O que pensa da arte teatral no Brasil?

Julgo que não estamos tão atrasados como vulgarmente se diz.

Leiam este trecho do melhor crítico brasileiro:

“A verdade é que o Brasil, na região pura e desinteressada do sentir e do pensar, na ciência e na arte, se não é um ricaço, como a Alemanha, a Inglaterra, a França, a Itália, não é mais um mendigo trápito, como uma horda de africanos, ou uma tribo de peles-vermelhas. Não estamos de cócoras, andamos já de pé e devemos ir a caminho do futuro sem desfalecimentos nem covardias.”³⁰

Como glórias do palco, Ludovina Soares³¹ e Florindo Joaquim da Silva³² protestarão sempre contra a injustiça que muita gente faz ao teatro brasileiro.

Uma referência ao ator Areias:

“De 1853 a 1863, em que faleceu João Caetano, aquele teatro (Ginásio Dramático) colocou-se em tal evidência, que não seria aventuroso assegurar-se que o *Vaudeville* poderia chamá-lo irmão, já pela natureza dos espetáculos, já pela proficiência dos atores de que dispunha. Vimos em Londres os *Pobres de Paris*, executando o primeiro papel o célebre Reveil, da *Comédie Française*, e garantimos que o ator Areias lhe não era inferior.”³³

E João Caetano dos Santos, o sublime interpretador da *Gargalhada*,³⁴ o vulto mais gigantesco de nosso teatro?

É impossível esquecer o homem que Jacques Arago definiu assim:

*“Oh! que ne m’est-il permis de vous citer ici un comédien d’élite que l’Europe serait fière de posséder, qui ne s’est inspiré que de lui-même, et qui possède son Schiller, son Corneille, les chefs-d’oeuvre de nos poètes, et les interprète si dignement, que je vous porte le défi de rester froid s’il vous ordonne de pleurer, de trembler, de frémir!... Cet homme est une des gloires brésiliennes.”*³⁵

Nossos dramaturgos não são pouco numerosos.

Temos França Júnior, Agrário de Menezes, Macedo, Alencar e, talvez superior a todos, o grande Martins Pena, o famigerado autor de *O juiz de paz na roça* e de *O noviço*. Entre os autores dramáticos novos, ressaltam os vultos de Coelho Neto, Goulart de Andrade, Aluísio Azevedo, Emílio Rouède e Arthur Azevedo, o célebre autor de *Capital Federal* e de *O badejo*.

— Como entende um melhor meio de desenvolvimento literário em Alagoas?³⁶

Escrevam, trabalhem os nossos literatos; encham-se de coragem os principiantes cujas produções não tiveram ainda o batismo da publicidade; abram os jornais suas colunas aos moços inteligentes e ativos.

Teremos assim mais gosto e, conseguintemente, maior desenvolvimento literário.

Não sei onde está a vantagem de haver uma Academia de Letras em Alagoas.

Será uma associação que não trará desenvolvimento algum à literatura de nosso estado.

Sempre o espírito de imitação!

Uma Academia em Alagoas não será mais que a caricatura da Academia Brasileira de Letras.

E o resultado?

Teremos meia dúzia de “imortais” que, escorados em suas publicações de duzentas páginas, olharão por cima dos ombros os amadores que estiverem fora da panelinha acadêmica. Talvez eu esteja em erro, mas penso assim.

G. Ramos Oliveira

Notas

1. “Um inquérito”, *Jornal de Alagoas*, Maceió, 18 set. 1910, p. 1. Com o título “Um inquérito realizado pelo *Jornal de Alagoas* há meio século”, esta entrevista, realizada quando Graciliano tinha quase dezoito anos, na qual ele assina G. Ramos de Oliveira, foi republicada pelo próprio *Jornal de Alagoas* a 30 de novembro de 1975, a partir de pesquisas de Moacir Medeiros de Sant’Ana. O mesmo pesquisador recolheu o texto em *A face oculta de Graciliano Ramos* (Maceió: Arquivo Público de Alagoas, 1992, pp. 37-43). Agradecemos a Marcos Vasconcelos Filho, diretor do Arquivo Público de Alagoas, o envio da entrevista de 1910.
2. O *Jornal de Alagoas* foi fundado em 1908 por Luiz Silveira, responsável pela realização do presente inquérito. Em 1914, com o intuito de divulgar informações referentes ao conflito armado que se transformaria na Primeira Guerra Mundial, passou a ter duas edições diárias. Em 20 de fevereiro de 1920, já apresentava um formato moderno, com oito páginas. Foi o primeiro periódico a oferecer, em suas edições dominicais, um suplemento semanal ilustrado que tratava, entre outras coisas, de literatura. Em 1926, estampava a primeira página exclusivamente literária da imprensa alagoana, sob a direção do poeta Lobão Filho. Em 8 de julho de 1936, é incorporado pela cadeia dos Diários Associados de Assis Chateaubriand. Ver: SANT’ANA, Moacir Medeiros de. *História da imprensa alagoana (1831-1981)*. Maceió: Arquivo Público de Alagoas, 1987.
3. Conforme relembra em *Infância* (1945), esta obra de Alencar (Messejana, Ceará, 1829 — Rio de Janeiro, RJ, 1877) lhe foi emprestada pelo tabelião Jerônimo Barreto. Vencendo a timidez, o jovem leitor decide bater à porta do dono do cartório da municipalidade: “Expressei-me claro, exibi os gadanhos limpos, assegurei que não dobraria as folhas, não as estragaria com saliva. Jerônimo abriu a estante, entregou-me sorrindo *O guarani*, convidou-me a voltar, franqueou-me as coleções todas.” RAMOS, Graciliano. “Jerônimo Barreto”. In: *Infância*. 47. ed. Rio de Janeiro: Record, 2012, p. 231.

Em artigo provavelmente de 1937, Graciliano se aproxima dos novos escritores brasileiros que estudavam a realidade do país, diferentemente dos antigos que criaram heróis falsos: “Peri, Iracema, a escrava Isaura, o alemão Lenz, o Timbira — como essa gente era complicada e falava difícil! Na floresta bruta ou pelas vizinhanças da senzala, adotavam sintaxe encrocadíssima, ideias e sentimentos que os gringos manifestam nos livros. Todos os heróis que deliciaram ou chatearam nossos pais eram falsos, contrafeitos, mal traduzidos do francês e pessimamente arrumados numa terra que ninguém estudava convenientemente” (RAMOS, Graciliano. “Jorge Amado”. In: *Garranchos*. Op. cit., pp. 155-6).

4. Robert Southey (Bristol, Inglaterra, 1774 — 1843): Historiador, prosador e poeta britânico da época do romantismo. Com a morte do pai, seu tio

materno o levou para Lisboa, onde se especializou em história de Portugal e do Brasil. Lançou em Londres, de 1810 a 1819, a *História do Brasil*, que abrange todo o período colonial até a chegada de D. João VI, em 1808. Tal obra foi editada no Brasil pela primeira vez em 1862, pela Livraria Garnier, em seis volumes, traduzida por Luiz Joaquim de Oliveira e Castro e anotada pelo cônego J.C. Fernandes Pinheiro. Outras edições: Rio de Janeiro: Z. Valverde, 1943; Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1981; Brasília (DF): Senado Federal, 2010. Southey publicou também, entre outras obras: *Joan of Arc: An Epic Poem* (1796), *Poems* (1797-99), *Roderick, the Last of the Goths: a tragic poem* (1815), *Sir Thomas More* (1829), *Essays Moral and Political* (1832). Cf.: INSTITUTO Histórico e Geográfico Brasileiro. *Em torno de Robert Southey: no centenário da sua morte. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, v. 178, jan./mar. 1943. Rio de Janeiro: Impr. Nacional, 1943; DIAS, Maria Odila da Silva. *O fardo do homem branco: Southey, historiador do Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1974.

5. Referência a Jean de Léry (1536-1613), autor da obra *Viagem à terra do Brasil* (1578). Em 1556, jovem seminarista protestante, foi para a França Antártica (1555-60), colônia francesa estabelecida na baía de Guanabara, atual cidade do Rio de Janeiro. Todavia, por causa de diferenças religiosas, os calvinistas foram forçados a abandonar a ilha de Sergipe, sede da França Antártica, e a mudar para a “terra continente”, onde se encontravam os temidos e antropófagos índios tupinambás. Logo depois, juntamente com outros missionários reformados, conseguiu retornar à Europa, em viagem marcada por diversas adversidades, e tornou-se pastor calvinista em 1560. Além de narrar as disputas entre papistas e huguenotes no seio da então possessão francesa, seu livro descreve a terra e os habitantes do Brasil (SILVA, Wilton Carlos Lima da. *As terras inventadas: discurso e natureza em Jean de Léry, André João Antonil e Richard Francis Burton*. São Paulo: Editora Unesp, 2003).
6. Graciliano faz menção a trecho do *Tratado descritivo do Brasil* (1587), escrito pelo colono português Gabriel Soares de Sousa (Portugal, década de 1540 — Bahia, 1591). Na referida obra, esse cronista, que se instalara na Bahia, descreveu os índios como pervertidos sexuais, adeptos do incesto, poligamia e sodomia, entre outras práticas antagônicas à moral cristã. “Os tupinambás, não contentes em andarem tão encarniçados na luxúria naturalmente cometida, são muito afeiçoados ao pecado nefando, entre os quais se não tem por afronta. E o que se serve de macho se tem por valente e contam esta bestalidade por proeza. E nas suas aldeias pelo sertão há alguns que têm tenda pública a quantos os querem como mulheres públicas” (SOUSA, Gabriel Soares de. *Tratado descritivo do Brasil*. São Paulo: Civilização Brasileira, 1971, p. 308).
7. Mário Venâncio, agente dos Correios de Viçosa, e um dos introdutores de Graciliano no mundo da literatura, pressagiava um bom futuro para

- o então aspirante a escritor e via nele sinais de Aluísio Azevedo. Foi por meio desse mentor que Graciliano entrou em contato com os romances *Casa de pensão* (1884) e *O coruja* (1890) (RAMOS, Graciliano. “Mário Venâncio”. In: *Infância*. Op. cit., pp. 245-50). Em 1939, na crônica “Alguns tipos sem importância”, Graciliano voltaria a manifestar seu gosto juvenil pelo romance *Casa de pensão*, que tomava como modelo (RAMOS, Graciliano. *Linhas tortas*. 21. ed. Rio de Janeiro: Record, 2005, p. 279).
8. De fato, o vulto de Eça de Queirós marcou Graciliano desde o início de sua carreira de escritor. Em crônica de 1915, assinada com as iniciais R.O. (Ramos Oliveira), ele exalta a figura do romancista português: “Eça é grande em tudo — na forma própria, única, estupendamente original, de dizer as coisas; na maneira de descrever a sociedade, estudando de preferência os seus lados grotescos, ridicularizando-a, caricaturando-a [...]. Eça era um ateu, um homem que não respeitava nada, que não tomava as coisas a sério. Pintou ministros estúpidos, padres devassos, jornalistas vendidos, condessas adúlteras; escarneceu a literatura de sua pátria, a política, as respeitáveis cinzas dos brutos e gloriosos antepassados dos vencedores dos mouros; troçou a burguesia, a religião, o hino da carta” (RAMOS, Graciliano. *Linhas tortas*. Op. cit., pp. 23-4).
 9. *Alma inquieta* integra o livro *Poesias*, de Olavo Bilac, ao lado de *Panóplias*, *Via láctea*, *Sarças de fogo*, *As viagens*, *O caçador de esmeraldas* (Rio de Janeiro: H. Garnier, 1904).
 10. *Bom-crioulo*: romance de Adolfo Caminha, publicado em 1895. Adolfo Ferreira dos Santos Caminha (Aracati, 1867 — Rio de Janeiro, 1897) foi um dos principais escritores do naturalismo no Brasil.
 11. Mário Venâncio: Agente dos Correios e professor de geografia do Internato Alagoano de Viçosa. Foi mentor intelectual de Graciliano quando da entrada do então aspirante a literato no mundo das letras. Venâncio suicidou-se em 1º de fevereiro de 1906. Ao longo destas *Conversas*, seu nome aparece recorrentemente nos textos em que os diversos jornalistas procuram recontar a trajetória intelectual do autor de *Vidas secas*.
 12. Referência às publicações *O Dilúculo*, *Órgão do Internato Alagoano*, e *Echo Viçosense*, *Periódico Literário e Noticioso*. O primeiro foi fundado por Graciliano Ramos e por seu primo Cícero Vasconcelos, quando ambos ainda eram alunos do Internato Alagoano, em Viçosa, no começo do século XX. Circulou entre 24 de junho de 1904 e 16 de abril do ano seguinte. Nele o aspirante a literato publicou o conto “Pequeno pedinte”, marcado por “arrebiques e interpolações” (RAMOS, Graciliano. “Mário Venâncio”. In: *Infância*. Op. cit., p. 248). Graciliano apenas ajudou a editar o segundo, que durou somente quinze dias, chegando a apenas dois números.
 13. Referido também em *Infância* como “Pequeno mendigo”, o conto, assinado por “G. Ramos”, se intitulava “Pequeno pedinte”. Dedicado a Mário Venâncio, veio a público em *O Dilúculo*, Viçosa, em 24 de junho de 1904, p. 2.

14. Graciliano faz menção aos sonetos “Incompreensível” e “Confissão”, publicados em *O Malho*, Rio de Janeiro, respectivamente em 29 de junho de 1907 e em 6 de julho do mesmo ano. Contudo, vale ressaltar que assinou o primeiro deles com a alcunha Feliciano Olivença (sem a preposição “de”). O pseudônimo “Feliciano”, por sua vez, já havia sido utilizado pelo escritor no conto “Dolente”, saído no *Echo Viçosense*, em 1º de fevereiro de 1906.
15. Segundo Nelson Werneck Sodré, *O Malho* começou a circular em setembro de 1902, privilegiando conteúdos de cunho humorístico. A partir de 1904, tornou-se também um veículo político, passando a contar com a colaboração de Olavo Bilac, Guimarães Passos, Pedro Rabelo, Renato de Casto e, principalmente, Bastos Tigre e Emílio de Meneses. Além disso, reuniu em seus quadros os “maiores caricaturistas da época” (SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. 4. ed. atualizada. Rio de Janeiro: Mauad, 1999, p. 301).
16. Referência a Bráulio Fernandes Tavares (1881? — 1946), jornalista e poeta alagoano. Foi colaborador, secretário e redator de inúmeros veículos, entre os quais *Argos — Revista Literária, Artística e Educativa*, na qual, em exemplar de outubro de 1910, os quartetos de seu “Crepuscular” dividiram página com carta enviada por Graciliano, sob o pseudônimo de “Manoel Maria Soeiro Lobato”. Nessa missiva, o então jovem literato pedia que a ortografia de certas palavras de que se valera em seu soneto “Argos” não fosse alterada. Em vista de o título escolhido para seu poema ser o mesmo do periódico, Graciliano também pede que tal coincidência não seja vista como adulação. E enfatiza: “Tenho sempre pensado comigo mesmo que não tenho o direito de cultivar coisas que minha inteligência não pode compreender. [...] Não sou literato, nem poeta, nem simples amador. Escrevo pouco, raramente publico o que escrevo.” LOBATO, Manoel Maria Soeiro (Graciliano Ramos). “Viçosa, 29 de setembro de 1910”, *Argos*, Maceió, n. 2, out. 1910.
17. Pseudônimo de Francisco Remígio de Araujo Jatobá (Murici, Alagoas, 1872 — Maceió, 1907): Escritor, jornalista e funcionário público, foi fundador e redator de *O Labor* e do *Correio de Maceió*, e colaborador de *O Gutenberg* e do *Correio de Alagoas*. Seus artigos foram reunidos em um volume após sua morte. Membro da Academia Alagoana de Letras. “Segundo Romeu de Avelar, que o incluiu na sua *Coletânea de poetas alagoanos* (1959), [...] teria deixado inúmeros poemas inéditos, e uma coletânea de contos orientais” (BARROS, Francisco Reynaldo Amorim de. *ABC das Alagoas: dicionário biobibliográfico, histórico e geográfico das Alagoas*. 2 vols. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2005, vol. 2, pp. 94-5).
18. Nome literário de Rita de Souza Abreu (1876 ou 1884 — 1956), poetisa, cronista, jornalista, professora. Viveu no Rio de Janeiro a partir da década de 1920. Publicou, entre outras, *Alvorada*, poesia (Maceió: Tip.

- Papelaria Comercial, 1904), e *Curso elementar de Português — em pequenos exercícios práticos* (Viçosa: Tip. Econômica, 1921). Também teve um trabalho incluído na *Coletânea dos poetas alagoanos* (1959), organizada por Romeu de Avelar (BARROS, Francisco Reynaldo Amorim de. cit. vol. 2, p. 512).
19. Manuel Rodrigues de Melo (Maceió, 1876 — Maceió, 1946): Teatrólogo, jornalista, compositor, cantor sacro, deputado estadual, promotor público. Foi fundador e membro da Academia Alagoana de Letras. Escreveu e fez representar as seguintes obras: *Conciliação* (comédia, em três atos); *Dagmar* (esquete, em quatro quadros); *Madalena* (drama, em três atos); entre outras. Publicou os livros de poesia *Meu carinho*, *Súplica*, *Sursum*, *Meu ídolo*, *A dor*, *Sinfonia em ré menor*, *Psicologia do amor e do sexo*, *Egofilismo: concepção estética do mundo*; e o poema “Margarida” (*Revista da AAL*, Maceió n. 12, 1986, p. 130) (BARROS, Francisco Reynaldo Amorim de. cit. vol. 2, p. 261).
 20. Provável referência a Joaquim Pinto da Mota Lima, pai de Joaquim Pinto da Mota Lima Filho, grande amigo de Graciliano naquele momento. Farmacêutico, o dr. Mota, como era chamado, é autor de *Conferências científicas e doutrinárias — A mulher e a ciência do dever. A água. A luz* — ministradas em Viçosa e Maceió em 1908 (Maceió, Tipografia Comercial, 1909). Colaborou regularmente com o *Jornal de Alagoas* e nos anos 1920, a pedido de Graciliano, escreveu dois artigos para o jornalzinho *O Índio*, de Palmeira dos Índios (RAMOS, Graciliano. *Cartas*. Rio de Janeiro: Record, 1981, p. 72).
 21. Rosalvo Alexandrino de Caldas Ribeiro (1865 ou 1867 — 1915): pintor, desenhista, professor, membro da Academia Alagoana de Letras. Em 1886, ingressou na Imperial Academia de Belas Artes do Rio de Janeiro. Ao fim do curso recebeu, como premiação, a medalha de 1ª classe, e depois regressou ao seu estado natal. Em 1888, com o fito de se aperfeiçoar, viajou a Paris, onde se manteve graças à pensão que recebeu do então governador do estado, o barão de Traipu. Na capital francesa, permaneceu por doze anos e pintou a maioria de suas telas. “É considerado um dos melhores representantes da escola acadêmica brasileira. Autor de inúmeros retratos, inspirou-se também na temática das batalhas. Apresentou a obra *La Charge* no Salão dos Artistas Franceses (Paris) de 1898. Ao retornar ao Brasil, em 30 de março de 1901, fixou-se em Maceió, onde viveu como um artista nem sempre compreendido” (BARROS, Francisco Reynaldo Amorim de. Op. cit., vol. 2, pp. 484-5).
 22. Poema que consta do livro *Poesias, 1900-1905: Livro bom, Livro proibido, Livro íntimo* (Rio de Janeiro: Garnier, 1907), de José Maria Goulart de Andrade (Maceió, 1881 — Rio de Janeiro, 1936). Um dos últimos parnasianos do Brasil, fez parte da roda de Bilac, Emílio de Meneses, Guimarães Passos, entre outros boêmios que se reuniam na confeitaria Colombo.

23. Produção da lavra de Júlio Auto da Cruz Oliveira (1880?), poeta, tabelião, deputado estadual, membro fundador da Academia Alagoana de Letras. Seu filho, o também poeta José Auto, integrou o grupo da revista *Novidade*, do qual também fez parte Graciliano Ramos (BARROS, Francisco Reynaldo Amorim de. Op. cit., vol. 1, pp. 484-5).
24. Poema de Luís Franco (1887 — 1937), literato e advogado, que, por modestia, vivia longe das rodas literárias. Sua estreia tardia no mundo das letras deu-se com o livro de poesia lírica e parnasiana *Ao sol do trópico* (Rio de Janeiro: Tip. do Jornal do Comércio, de Rodrigues & Cia., 1913). Essa obra ganhou comentários de Lima Barreto: “O poeta de que nos ocupamos não é certamente um apurado artista do verso, um refinado esteta. Entretanto, revelando conhecer os segredos da métrica e obedecendo sempre à técnica poética, ele se nos apresenta como um poeta que sente o que canta” (BARRETO, Lima. *Impressões de leitura: crítica*. São Paulo: Brasiliense, 1961, p. 292).
25. Ambos os sonetos escritos pelo alagoano Sebastião Cícero dos Guimarães Passos (1867 — 1909), um dos maiores representantes do parnasianismo no Brasil, mencionado anteriormente por Graciliano neste inquérito. Aos dezenove anos, deixou as Alagoas para viver no Rio de Janeiro, onde se juntou à roda boêmia de Paula Nei, Pardal Mallet e Olavo Bilac. É autor de, entre outros, *Versos de um simples* (1886-1891), Laemmert & Cia., Rio de Janeiro, 1891 (prefácio de Luís Murat); *Pimentões, Rimas d’O Filhote*, Laemmert & Cia., Rio de Janeiro, 1897 (obra de poesia humorística escrita juntamente com Olavo Bilac, sob o pseudônimo de Puff & Pucc) (BARROS, Francisco Reynaldo Amorim de. cit., vol. 2, p. 372).
26. Tempos depois, Graciliano mudaria radicalmente de posição. No final dos anos 1930, ao se referir à “indianice” de nossa literatura, que nos teria fornecido “caboclos horrivelmente bem-falantes, possuidores das melhores virtudes, das qualidades mais nobres dos cavalheiros cristãos”, afirma: “Esses selvagens de ópera, moeda falsa definitivamente afastada da circulação, enfeitaram a cenografia nacionalista, onde havia florestas e penas de arara, mas não chegavam ao conhecimento dos bugres que se espreguiçavam e cochilavam, perdidos no fundo das malocas tristes” (RAMOS, Graciliano. “O negro no Brasil”. In: *Garranchos*. Op. cit., p. 171).
27. PASCAL, Blaise. *Pensées de Pascal*. Paris: Librairie de Firmin Didot Frères, Fils et Cie, 1858, p. 43. Leia-se o trecho em questão em uma das traduções dessa obra do filósofo francês: “Os melhores livros são aqueles que quem os lê julga tê-los podido fazer. A Natureza, que é a única que é boa, é muito familiar e comum” (PASCAL, Blaise. *O espírito da geometria: da arte de persuadir*. Lisboa: Didáctica Editora, 2000, p. 50). Graciliano preferia o realismo e o considerava a “escola do futuro”. “Do seu futuro, claro que foi”, conclui Valdemar Cavalcanti ao retomar justamente o inquérito de 1910 em “Graciliano quando jovem” (*Jornal Literário*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1960, pp. 172-4).

28. Graciliano retoma aqui a epígrafe do romance *A relíquia* (1887), de Eça de Queirós: “Sobre a nudez forte da verdade, o manto diáfano da fantasia.” Cinco anos depois, volta a fazer referência a essa obra eciana, na crônica “Coisas do Rio”, enviada da então capital federal para o *Jornal de Alagoas* (6 mar. 1915). Para mais informações, ver *Garranchos*. Op. cit., pp. 32-5.
29. Jovem maranhense, de família rica, que deixa sua terra natal em busca da realização de seus sonhos, e em torno do qual gira o romance *Casa de pensão* (1884), exaltado por Graciliano.
30. Trecho extraído do livro *História da literatura brasileira* (Rio de Janeiro: José Olympio, 1960, p. 1.352), obra de Sílvio Romero publicada primeiramente em 1888, pela Garnier. O mesmo excerto também pode ser encontrado em ROMERO, Sílvio. *Martins Penna: ensaio crítico*. Rio de Janeiro: Livraria Chardon, 1901, p. 64.
31. Referência a Ludovina Soares da Costa (1802 — 1868), primeira-dama de uma destacada companhia portuguesa contratada por d. Pedro I, em 1829. Com a atriz, que fixou residência no Rio de Janeiro, “nascia em nossos palcos, a um só tempo, a arte trágica e a continuidade profissional. Decorridos trinta anos, acalmada a tormenta romântica e já em pleno realismo, o seu estilo nobre de representar ainda arrancava elogios de um crítico jovem, além de partidário da modernidade [...]. Eis como Machado a caracterizou em 1859: ‘É trágica eminente, na majestade do porte, da voz e do gesto, figura talhada para um quinto ato de Corneille, trágico pelo gênio e pela arte, com as virtudes da escola e poucos dos seus vícios’” (PRADO, Décio de Almeida. *História concisa do teatro brasileiro*. São Paulo: Edusp, 1999, pp. 36-8).
32. Florindo Joaquim da Silva (1814 — 1893), um dos mais notáveis atores brasileiros do século XIX ao lado de João Caetano (PAIXÃO, Múcio da. *Theatro no Brasil*. Rio de Janeiro: Brasília Editora, 1917, p. 209). Estreou em 1837 e esteve presente em diversos elencos que se exibiram na Corte até 1852, quando também assumiu a faceta de empresário à frente de sua própria companhia dramática (HESSEL, Lothar; RAEDERS, Georges. *O teatro no Brasil sob dom Pedro II*. Porto Alegre: UFRS; Instituto Estadual do Livro, 1979, p. 230). Desde a mocidade, foi o mais constante antagonista de João Caetano (PRADO, Décio de Almeida. *João Caetano: o ator, o empresário, o repertório*. São Paulo: Perspectiva; Edusp, 1972, p. 171).
33. MORAES FILHO, Mello. “O teatro no Rio de Janeiro”. In: PENNA, Martins. *Comédias* (com um estudo sobre o teatro no Rio de Janeiro por Mello Moraes Filho e sobre o auctor por Sílvio Romero). Rio de Janeiro: Garnier, s.d., p. XL. Referência ao português de nascimento Antônio José Areias (Lisboa, 1819 — Rio de Janeiro, 1892), formado como ator no Brasil sob a direção de João Caetano (PRADO, Décio de Almeida. Op. cit., p. 146).
34. Para João Caetano (1808 — 1863), o mais renomado ator brasileiro do século XIX, o drama *L'Éclat de rire* (1840), de Jacques Arago, traduzido

para o português como *A gargalhada*, proporcionou-lhe “se não o seu maior papel [...] ao menos o seu êxito mais pontilhado de incidentes gloriosos” (PRADO, Décio de Almeida. Op. cit., p. 97). A estreia da peça nos palcos brasileiros deu-se em 1843 e representou um desafio para esse intérprete, “propenso, por natureza, às violências interpretativas, à emoção bruta, aos efeitos físicos” (id., p. 98). Caetano é considerado ainda o primeiro teórico da arte dramática no Brasil: publicou as obras *Reflexões dramáticas* (1837) e *Lições dramáticas* (1862). Além disso, figura como um dos principais responsáveis pela profissionalização do teatro no país, por meio de suas iniciativas no palco ou na administração de companhias que atuavam tanto na capital como nas províncias.

35. “Oh! Que me seja permitido vos citar aqui um comediante de elite que a Europa seria orgulhosa de possuir, que se inspirou apenas em si mesmo, e que possui seu Schiller, seu Corneille, as obras-primas de nossos poetas, e os interpreta tão dignamente, que eu vos desafio a permanecer frios se ele vos ordena a chorar, tremer, fremir!... Este homem é uma das glórias brasileiras.” (ARAGO, Jacques. *Voyage autour du monde sans la lettre A*. Paris: Librairie Nouvelle, 1853, p. 30 [tradução dos organizadores]). Quando da estada do pintor e dramaturgo francês Jacques Arago no Rio de Janeiro, em 1850, *A gargalhada* foi representada por João Caetano em 18 de outubro daquele ano. Três anos depois veio esse elogio do autor de *Foyers e Coulisses*. “Arago era homem de elogio fácil. Não nos surpreendem as palavras que consagrou a João Caetano, certamente sinceras e possivelmente merecidas, a não ser num ponto: por que, entre tantos autores, escolheu precisamente dois, Schiller e Corneille, que o ator brasileiro jamais representara? A solução do enigma está no próprio título do livro” (PRADO, Décio de Almeida. Op. cit., pp. 100, 103).
36. Destacando especificamente essa questão, Graciliano, sob o pseudônimo de Manoel Maria Soeiro Lobato, refere-se ao presente inquérito em carta enviada à já mencionada *Argos: Revista Literária, Artística e Educativa*: “Acompanhando com cuidado o Inquérito que Luiz Silveira abriu no *Jornal de Alagoas*, atraiu singularmente minha atenção este quesito: ‘Qual o melhor meio de desenvolver a literatura em Alagoas.’ / Acredito que os senhores, caso não tenha a revista que fundaram a vida curta de *Exedra* (surgida em julho de 1907 que logo viria a deixar de circular), contribuirão de modo eficaz para o desenvolvimento das letras alagoanas. Eu mesmo, se tivesse de dizer alguma coisa sobre as questões que o *Jornal* apresenta aos literatos de nosso Estado, lembraria a criação de uma revista que, como *O Malho*, aceitasse colaboração dos literatos incipientes.” (LOBATO, Manoel Maria Soeiro [Graciliano Ramos]). Op. cit.

2. *Vidas secas*¹

BRITO BROCA,² A GAZETA,³ 1938

Uma palestra com Graciliano Ramos — O sertanejo da zona árida — O homem no seu habitat

Rio, 14 — Graciliano Ramos recebe-nos às nove horas da noite, em sua residência, dos lados de Bento Lisboa.⁴ Nós lhe havíamos pedido uma entrevista sobre o seu último livro, *Vidas secas*, que aparecerá dentro de poucos dias em edição de José Olympio,⁵ e o romancista de *S. Bernardo*, com a simplicidade de seu trato, se dispõe a falar.⁶ Estamos numa pequena sala de jantar, por onde entra, de vez em quando, uma leve viração, amenizando o mormaço da noite carioca.

Graciliano tem uma certa dureza no olhar, dureza que logo se desfaz no sorriso de franqueza e simpatia com que o romancista entremeia, a todo momento, a palestra.

Um mundo com cinco personagens

— *Vidas secas* será um romance?

— Sim, um romance, mas um romance cujos capítulos podem ser considerados destacadamente como contos, tal a maneira por que

nele se desenvolvem e encontram o seu desfecho e uma determinada situação. Publiquei vários capítulos de *Vidas secas*, aqui e na Argentina, e todo mundo os considerou como narrativas independentes.⁷ O livro tem, entretanto, uma unidade e o entrelaçamento de todos esses capítulos forma a tessitura perfeita de um romance.

— Por que *Vidas secas*?

— Acha o título um tanto estranho, não? São as vidas dos sertanejos nordestinos, existência miserável de trabalho, de luta, sob o guante da natureza implacável e da injustiça humana.

— Qual o ambiente do romance?

— O de uma cozinha de fazenda velha na zona árida do sertão. Apenas cinco personagens evoluem no livro: um homem, uma mulher, dois meninos e uma cachorrinha. Com essa comparsaria limitadíssima, criei o meu mundo. Aliás, não se trata de um romance de ambiente, como geralmente costumam fazer os escritores nordestinos e os regionalistas em geral. Eles se preocupam apenas com a paisagem, a pintura do meio, colocando os personagens em situação muito convencional. Não estudam, propriamente, a alma do sertanejo. Limitam-se a emprestar-lhe sentimentos e maneiras da gente da cidade, fazendo-os falar uma língua que não é absolutamente o linguajar desses seres brancos e primários. O estudo da alma do sertanejo, do Norte ou do Sul, ainda está por fazer em nossa literatura regionalista. Quem ler os romances regionalistas brasileiros faz uma ideia muito diversa do que seja o homem do mato. A falsidade e o convencionalismo são berrantes. Quer que eu os acuse num detalhe apenas? O sertanejo nordestino aparece na literatura como um tagarela, fazendo imagens arrevesadas e desmesurando-se numa loquacidade extraordinária. Pois nada mais postiço: o sertanejo daquelas bandas é de pouquíssimo falar. Sisudo e macambúzio, ele vive quase sempre fechado consigo mesmo, sendo difícil arrancar-lhe uma prosa.

Pesquisando a alma do primário

— O romance passa-se na zona árida do sertão?

— Sim, mas não me preocupo em pintar o meio. O que me interessa é o homem, o homem daquela região aspérrima. Julgo que é a primeira vez que esse sertanejo aparece na literatura. Os romancistas do Nordeste têm pintado geralmente o homem da zona do brejo. É o sertanejo que aparece na obra de José Américo⁸ e Zé Lins.⁹ Procurei auscultar a alma do ser rude e quase primitivo que mora na zona mais recuada do sertão, observar a reação desse espírito bronco ante o mundo exterior, isto é, a hostilidade do mundo físico e da injustiça humana. Por pouco que o selvagem pense — e os meus personagens são quase selvagens — o que ele pensa merece anotação. Foi essa pesquisa psicológica que procurei fazer, pesquisa que os escritores regionalistas não fazem e nem mesmo podem fazer, porque comumente não conhecem o sertão, não são familiares do ambiente que descrevem.

— E o senhor esteve muito tempo nessa região?

— Nasci na zona árida, numa velha fazenda, e ali passei quase toda a minha infância, convivendo com o sertanejo. Fui depois para a cidade estudar e mais tarde diversas vezes visitei o meu recanto natal, bem como outras paragens do sertão nordestino. Os meus personagens não são inventados. Eles vivem em minhas reminiscências, com suas maneiras bruscas, seu rosto vincado pela miséria e pelo sofrimento.

— Quer dizer que o senhor aplicou o princípio que Jacques de Lacretelle¹⁰ julga básico para o romancista: inventar com o auxílio da memória?

— Isso mesmo. Acho que ainda não descobrimos a alma do nosso primário e que o regionalismo, contra o qual se tem erguido uma certa grita, ultimamente,¹¹ é coisa que ainda está por fazer. Os sertanejos aparecem sempre transplantados para outro meio e nunca no seu “habitat”. O que procurei fazer foi mostrar o homem no seu ambiente,

vivendo a sua vida e falando a sua língua. É um livro amargo, duro, ríspido, mas verdadeiro, profundamente verdadeiro...

E, nessa altura, Graciliano desvia a palestra para outro assunto, achando talvez, na sua modéstia excessiva, que já falara demais sobre o seu livro. O calor da noite carioca continua cada vez mais abafado. E, na pequena sala onde nos encontramos, Graciliano, no seu falar simples e no seu rosto vincado, onde se vê o sinal de uma vida que não tem sido de sorrisos e amenidades — a áspera vida do intelectual no Brasil — é bem o tipo do sertanejo do Nordeste, o homem da zona árida, o beduíno do deserto brasileiro, mal-aclimatado neste recanto da terra carioca.

Notas

1. BROCA, Brito. “*Vidas secas*: Uma palestra com Graciliano Ramos — O sertanejo da zona árida — O homem no seu habitat”, *A Gazeta*, “Livros e Autores”, São Paulo, 15 mar. 1938, p. 8.
2. Brito Broca (Guaratinguetá, São Paulo, 1903 — Rio de Janeiro, 1961): Crítico literário e historiador que, a partir de 1934, se tornou responsável pela seção “Livros & Autores”, publicada pelo jornal *A Gazeta*, de São Paulo. É autor de, entre outras obras, *A vida literária no Brasil: 1900* (1956) e *Machado de Assis e a política mais outros estudos* (1983). Foi Brito Broca quem pediu a Graciliano um artigo para a seção “Variedades” da revista *Publicações Médicas* e lhe sugeriu o assunto: o resultado é “Alguns tipos sem importância”, de 1939 (Confirmam-se: BROCA, Brito. Prefácio a *Linhas tortas*. 5. ed. São Paulo: Martins, 1972; *Remate de Males*, Publicação do Departamento de Teoria Literária do Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp, Campinas, v. 11: *Brito Broca — Vida literária e história cultural*, 1991).
3. *A Gazeta*: diário vespertino, fundado em 1906 por Adolfo Araújo, na rua Quinze de Novembro em São Paulo, com espírito republicano. Modernizou-se e teve êxito a partir de 1918, sob o comando do jornalista Cásper Líbero (Bragança Paulista, 1889 — Rio de Janeiro, 1943), com a valorização de temáticas locais, regionais, culturais, esportivas e sociais, e a criação de suplementos inéditos na imprensa brasileira, como *A Gazeta Esportiva* (que depois se tornou jornal) e *A Gazetinha* (de histórias em quadrinhos). Como se opôs à Revolução de 1930, foi empastelada por getulistas. Em 1979, devido a uma crise financeira, passou a suplemento de

A Gazeta Esportiva, que deixou de ser publicada em 1999 (GONÇALO JUNIOR. *A guerra dos gibis: A formação do mercado editorial brasileiro e a censura aos quadrinhos, 1933-1964*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, pp. 48-9; MARTINS, Ana Luiza. *Revistas em revista: imprensa e práticas culturais em tempos de República, São Paulo, 1890-1922*. cit., p. 189).

4. Trata-se da pensão de d. Elvira, localizada na rua Correia Dutra, 164, quase na esquina da Bento Lisboa, Catete, Rio de Janeiro, na qual também morava Rubem Braga. Diz o cronista: “Estive outro dia me lembrando dele [Graciliano] e da pensão em que a gente morava, no Catete, no tempo em que ele estava escrevendo *Vidas secas*. A comida era simples e sadia, e geralmente abundante. [...] A dona não acertava seu nome, e o chamava de Brasileiro; ele a princípio reclamava, depois se conformou, me explicando: ‘Eu pago tão pouco que ela pode me chamar como quiser.’” (RAMOS, Clara. *Mestre Graciliano: confirmação humana de uma obra*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979, p. 126).
5. José Olympio (Batatais, São Paulo, 1902 — Rio de Janeiro, RJ, 1990): Em 1936, publicou *Angústia* quando Graciliano ainda se encontrava encarcerado pelo governo getulista. Manteve-se como editor da obra do autor alagoano até o princípio dos 1960, quando os direitos autorais em torno de toda a produção do escritor foram adquiridos pela Livraria Martins Editora, de São Paulo. No “Autorretrato de Graciliano Ramos aos 56 anos”, recolhido nesta edição, Graciliano coloca José Olympio entre seus maiores amigos, ao lado do capitão Lobo (um oficial conhecido na prisão, em Pernambuco), de Cubano (preso comum que conhecera quando se encontrava na Colônia Correccional) e de José Lins do Rego.
6. Em carta ao escritor Lúcio Cardoso, datada de 17 de junho de 1938, Brito Broca explicita que, antes de publicar as entrevistas que então vinha fazendo com diversos intelectuais brasileiros, apresentava-lhes o texto resultante da conversa, pedindo que emendassem possíveis equívocos. Adotou tal procedimento nas palestras com Arthur Ramos, José Lins do Rego e Graciliano Ramos. Com Lúcio Cardoso esse procedimento não teria sido levado a termo, o que gerou atritos entre entrevistador e entrevistado: este não se responsabilizava pelos mal-entendidos publicados, e aquele afirmava haver reproduzido fielmente tudo o que o romancista dissera (Cf. BROCA, Brito. “Carta a Lúcio Cardoso”. Rio de Janeiro, 17 jun. 1938, Fundação Casa de Rui Barbosa, not. LC Cp 036).
7. Entre maio de 1937 e abril de 1938, dos treze capítulos de *Vidas secas*, dez foram publicados na imprensa carioca, antes que o livro viesse a público. Os textos, na ordem cronológica de sua primeira veiculação em suporte jornalístico, são os seguintes: “Baleia”, *O Jornal*, Rio de Janeiro, 23 maio 1937; “O mundo coberto de penas (trecho de romance a sair — *Vidas secas*)”, *Revista Acadêmica*, Rio de Janeiro, n. 32, nov. 1937, p. 3; “Pedaço de romance” (excerto do capítulo “Cadeia”), *Diário de Notícias*,

Rio de Janeiro, 5 dez. 1937 (“Cadeia”, *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, 26 mar. 1938, il. Borsoi, pp. 26-27); “Mudança”, *O Jornal*, Rio de Janeiro, 19 dez. 1937; “Trecho de romance” (parte do capítulo “Sinha Vitória”), *Anuário Brasileiro de Literatura*, Rio de Janeiro, 1938; “Travessura” (do capítulo “O menino mais novo”), *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 23 jan. 1938 (Copyright de I.B.R.); “Fabiano”, *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, 29 jan. 1938, pp. 22-23; “Serão” (fragmento do capítulo “Inverno”), *Folha de Minas*, Belo Horizonte, 16 mar. 1938 e *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 3 abr. 1938 (Do romance inédito *Baleia* — Copyright de I.B.R.); “Festa”, *Lanterna Verde*, Rio de Janeiro, abr. 1938; “Viagem” (fragmento do capítulo “Fuga”), *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 14 abr. 1938 (Do romance *Vidas secas* — Copyright de I.B.R.). Contos-capítulos do “romance desmontável” (como o chamou Rubem Braga no “Discurso de um ausente” em 1942) também foram publicados no jornal argentino *La Prensa*. Em carta a um de seus tradutores argentinos, Benjamín de Garay, Graciliano destaca: “Fiz, como lhe prometi, umas histórias do Nordeste, com bichos e matutos: tentei mostrar o que se passa no interior desses animais.” [*Cartas inéditas de Graciliano Ramos a seus tradutores argentinos Benjamín de Garay e Raúl Navarro*. Introdução, ensaios e notas de Pedro Moacir Maia. Salvador: Edufba, 2008, p. 59].

8. José Américo de Almeida (Areia, Paraíba, 1887 — João Pessoa, 1980): Autor de *A bagaceira* (1928) e de *Coiteiros* (1935), entre outras obras, foi ministro da Viação e Obras Públicas nos dois governos de Vargas e pré-candidato às eleições presidenciais de 1938, que não chegaram a acontecer em decorrência do golpe de 1937 promovido por Getúlio. Participou da roda de conversas da Livraria José Olympio e chegou a ser retratado na célebre crônica que Graciliano dedicou a essa casa editorial. “Há um ar de família naquela gente. Otávio Tarquínio deixa de ser ministro e Amando Fontes deixa de ser funcionário graduado. Vemos ali o repórter e víamos o candidato a presidente da República, porque José Américo aparecia algumas vezes.” (RAMOS, Graciliano. “A Livraria José Olympio”. In: *Linhas tortas*. 21. ed. Rio de Janeiro: Record, 2005, p. 170).
9. De sua íntima relação com a “zona do brejo”, o autor de *Menino de engenho* (1932) extraía sua força. “O sr. Lins do Rego criou-se na bagaceira dum engenho, e julgo que nem sabe que é bacharel. Conservou-se garoto de bagaceira, o que não lhe teria acontecido se morasse no Rio, frequentando teatros e metendo artigos nos jornais.” (RAMOS, Graciliano. “O romance do Nordeste”. In: *Garranchos*. Op. cit., p. 140).
10. Jacques de Lacretelle (Cormatin, França, 1888 — Paris, 1985): Escritor, membro da Academia Francesa, autor de *L'Écrivain public* (1936), entre outros.
11. Graciliano alude às críticas que o romance nordestino vinha recebendo, sobretudo da parte dos defensores da dita literatura intimista (escritores que deixavam de lado a representação de problemas sociais para

privilegiar, no universo temático dos grandes centros urbanos, dramas individuais das classes mais abastadas da população). Destaque para o papel beligerante adotado pelo crítico e romancista católico Octávio de Faria, autor do polêmico “Excesso de Norte”. Nesse texto, vociferava que o movimento literário nacional se deslocara “gritantemente do Centro para o Norte”, depois de um processo que mais se assemelhava a “uma invasão, quase um delírio” (FARIA, Octávio de. “Excesso de Norte”, *Boletim de Ariel*, Rio de Janeiro, ano IV, nº 10, julho de 1935, p. 263).

3. Conversas com Graciliano Ramos¹

JOEL SILVEIRA,² 1938

A resistência de Graciliano, fazendo corpo mole e sempre adiando o prometido, e, por outro lado, a minha determinação de arrancar dele a entrevista de qualquer maneira, acabou nos aproximando. Pelo menos duas vezes por semana lá estava eu na José Olympio, aporrinhando-o.

— “Seu” Graciliano, e a entrevista?

E vinha a mesma resposta de sempre:

— Me dê mais um tempo. Ando atolado na leitura de uma montanha de originais, dezenas e dezenas de literatos que querem o Prêmio Humberto de Campos,³ aqui da José Olympio, não tenho tido tempo para mais nada, varo a madrugada. Nunca vi tanta porcaria junta. Me dê mais uns dias.

Eu dava o tempo, voltava:

— Sabe, “seu” Graciliano, é que eu queria iniciar a série com a sua entrevista. Combinei isso com o Magalhães Júnior,⁴ ele concordou, e agora vive me cobrando.

Ele se esquivava:

— Bobagem. Por que começar comigo? Tem aí o Zé Lins, o Jorge, o Marques, o Lúcio (Cardoso), uma porção de outros. Comece com um deles, me deixe para o fim.

— Mas “seu” Graciliano...

— E pare com esta besteira de me chamar de “seu” Graciliano. Graciliano basta.

Como disse, de tantos encontros na José Olympio, acabamos amigos. Talvez fosse fantasia, mas o fato é que eu sentia de sua parte uma certa simpatia por mim, embora me tratasse com aquele jeito áspero e cru que era o seu. Algumas vezes, quando não estava ensimesmado, curtindo sozinho a sua acidez, gostava de puxar conversa, pulava de um assunto para o outro, baforando forte ou segurando entre os dedos a guimba do cigarro ordinário. Outras vezes, e eu percebia logo isso só de ver a sua carranca, não queria muita conversa, me despachava com um seco “ainda não tive tempo, vou ver se faço hoje à noite”, e nessas ocasiões eu sabia que não devia insistir, ia embora.

Uma manhã, e era sempre pela manhã que eu o procurava na livraria, lá nos fundos, território que ele fizera seu e que ninguém ousava disputar, pois, como ia dizendo, uma manhã lá estava eu a chateá-lo e mal ia entrando no assunto da entrevista, quando ele me perguntou, abrupto:

— Você sabe por que o Brasil não é e nunca será uma potência digna deste nome?

Eu não sabia:

— Pois lhe digo.

Baforou forte, continuou:

— Não será potência neste século nem nos séculos vindouros. Nunca.

— Mas por quê, Graciliano? Somos um país imenso, temos três fusos horários, somos donos de mais da metade de toda a Floresta Amazônica, nosso subsolo, segundo dizem, é riquíssimo em minerais, temos os maiores rios do mundo e até o petróleo já começa a esguichar lá em Lobato, nas portas de Salvador.⁵

Ele me ouvia calado, cigarro entre os dedos. Esperou que eu acabasse minha peroração ufanista, disse:

— Não adianta. Nem que fôssemos donos da maior mina de ouro do mundo, de todos os diamantes e platinas existentes na terra, nem com isso tudo seríamos uma potência. E por um simples motivo.

Por mais que forçasse a cabeça eu não podia adivinhar que motivo seria esse. Perguntei:

— Mas por quê, qual o motivo? Não me ocorre nenhum.

Ele deu uma baforada, explicou:

— O motivo é simples: não temos golfo.

— Golfo?

— Exatamente. O Brasil não tem golfo. E não existe uma só potência no mundo que não tenha pelo menos um golfo. É só consultar o mapa. Estados Unidos, Rússia (apesar de comunista, ele jamais dizia União Soviética), França, Itália, Japão, todos têm golfo. E procure depois os países que não têm golfo: são todos sem importância, como é o caso do Brasil.

Naquele tempo eu cultivava um acendrado patriotismo juvenil — protestei:

— Me desculpe, Graciliano, mas você está sendo radical demais. Não posso concordar. Com este tamanho todo e com todas suas riquezas, as que já se conhecem e as que serão conhecidas, é claro que o Brasil certamente será uma potência no futuro. Tem que haver uma solução.

Ele atalhou:

— E há.

— Qual?

— Simples. O Brasil tem que ter um golfo, fazer por conta própria o golfo que a natureza lhe negou.

Ri, pensando que ele estava pilheriando, mas a cara séria dizia o contrário.

— Repito, temos que fazer um golfo. E para isso a solução existe.

— Qual é?

— Veja você o caso de nossas respectivas terras, Alagoas e Sergipe. Para que servem Alagoas e Sergipe? Para nada, são zero à esquerda. Então, pergunto: por que não cavar Sergipe e Alagoas e no lugar fazer um golfo? O golfo das Alagoas!

A solução era obviamente inviável, mas de qualquer maneira, atingido nos meus brios de sergipano ainda intactos, protestei:

— Por que golfo das Alagoas? Por que não golfo de Sergipe?

Ele desconversou:

— Isso de nome não tem importância. O importante é fazer o golfo. Para a escolha do nome, faz-se um plebiscito.

Outra história, recolhida numa daquelas manhãs, não foi nem história, mas uma lição que nunca esqueci, o que não quer dizer que a tenha aprendido. Me disse Graciliano, depois de folhear um livro qualquer, não lembro qual:

— Este cavalheiro pensa que escreve. Não escreve, escrevinha.

E continuou:

— Escrever é uma coisa, escrevinhar é outra.

E lá se foi:

— Aqui no Brasil os nossos críticos vivem a dizer que “fulano tem estilo”, “o estilo de sicrano”. Bobagem. Estilo quem tem é Stendhal, são os russos do século passado, é Dickens. Quem tem estilo aqui no Brasil? Machado, talvez.

Enquanto ele ia falando, eu me dizia: “Se ele não me der a entrevista, alinhavo em cinco laudas tudo isto que ele está dizendo, resolvo o problema.”

Graciliano continuou:

— Os escritores brasileiros, e falo dos ficcionistas de agora e mesmo os do passado, podem no meu entender ser divididos em duas categorias: os que têm uma “maneira” de escrever, e são poucos, e os que têm “jeito”, que são alguns mais numerosos. O resto é porcaria.

Provoquei:

— E Graciliano Ramos tem maneira ou jeito?

— Jeito.

Outra lição dele, noutra manhã. (Devo dizer que logo que eu saía daqueles encontros corria a passar para o papel tudo o que ele havia me dito: a entrevista tinha que sair de qualquer maneira.) Falava-se do ofício de escrever, ele disse:

— Quem escreve deve ter todo o cuidado para a coisa não sair molhada.

Também não entendi. Ele explicou:

— Quero dizer que da página que foi escrita não deve pingar nenhuma palavra, a não ser as desnecessárias. É como pano lavado que se estira no varal.

E prosseguiu — naquela manhã estava de língua solta:

— Deve-se escrever da mesma maneira como as lavadeiras lá de Alagoas fazem seu ofício. Sabe como elas fazem?

— Não.

— Elas começam com uma primeira lavada. Molham a roupa suja na beira da lagoa ou do riacho, torcem o pano, molham-no novamente, voltam a torcer. Depois colocam o anil, ensaboam, e torcem uma, duas vezes. Depois enxáguam, dão mais uma molhada, agora jogando a água com a mão. Depois batem o pano na laje ou na pedra limpa e dão mais uma torcida e mais outra, torcem até não pingar do pano uma só gota. Somente depois de feito tudo isso é que elas dependuram a roupa lavada na corda ou no varal, para secar. Pois quem se mete a escrever devia fazer a mesma coisa. A palavra não foi feita para enfeitar, brilhar como ouro falso, a palavra foi feita para dizer.

Certa vez fiquei com muita raiva dele, embora não a tivesse manifestado. É que na noite anterior, lá no torreão, eu havia enfim terminado um conto que vinha escrevendo há dias. Estava no maior entusiasmo. Levei as laudas datilografadas para Graciliano ler e opinar.⁶ Depois da leitura, que me pareceu terrivelmente lenta, e sem dizer uma só palavra, Graciliano foi rasgando as laudas, uma por uma, metodicamente, até reduzir tudo a uma infinidade de pequenos quadrados e triângulos. Eu fervi: não tinha sequer tirado uma cópia da obra-prima. Imperturbável, sem levar em conta o meu visível desconforto, Graciliano rasgou tudo, sem pena. Em seguida, me convidou:

— Vamos ao Mourisco.

Tomamos um cafezinho, depois do cafezinho ele entornou um cálice de conhaque, voltamos caminhando devagar, parando nas bancas de jornais para ler as manchetes. Falou-se de assuntos vários, nada de ele se referir ao conto que minutos antes reduzira a farelos. E não seria eu que ousaria no assunto, embora estivesse me roendo por dentro: “Merda, nem uma crítica, uma observação, dizer por que não gostou, que bosta!”

Fiquei dias sem procurá-lo. Depois esqueci a tragédia, e somente anos depois, quando voltamos a nos encontrar numa solenidade qualquer, não me lembro qual nem onde, é que arrisquei:

— Aquele conto que você destruiu com tanto furor, lembra-se?

— Claro que lembro.

— Era tão ruim assim?

— Uma porcaria. Tinha gerúndio demais. Gerúndio só quando absolutamente necessário. Dos supérfluos a gente deve fugir como o diabo da cruz.

No caso de Graciliano Ramos — e ainda hoje penso assim — o gerúndio é que fugia (foge) dele.⁷

Notas

1. In: SILVEIRA, Joel. *Na fogueira: memórias*. Rio de Janeiro: Mauad, 1998, pp. 281-5.
2. Joel Silveira (Lagarto, Sergipe, 1918 — Rio de Janeiro, 2007): jornalista, correspondente de guerra e escritor. Autodidata, cursou até o segundo ano do curso de direito. Em 1937, mudou-se para o Rio de Janeiro. Seu primeiro emprego foi em *Dom Casmurro*, depois trabalhou como repórter e secretário de *Diretrizes*. Escreveu também para *Última Hora*, *O Estado de S. Paulo*, *Diário de Notícias*, *Correio da Manhã* e *Manchete*. Foi correspondente de guerra na Itália durante a Segunda Guerra Mundial, para os Diários Associados. E Assis Chateaubriand o apelidou “a víbora”, devido a seu estilo ferino. Recebeu os prêmios Líbero Badaró, Esso Especial, Jabuti, Golfinho de Ouro e, em 1998, o Prêmio Machado de Assis, o mais importante da Academia Brasileira de Letras, pelo conjunto de sua obra. Publicou, entre outros livros: *As duas Guerras da FEB* (1965), *Tempo de contar* (1985), *Na fogueira: memórias* (1998), *Memórias de alegria* (2001), *A milésima segunda noite da avenida Paulista* (2003), *A feijoada que derrubou o governo* (2004), *O inverno da guerra* (2005); e de contos:

- Onda raivosa* (1939), *Roteiro de Margarida* (1940), *O dia em que o leão morreu* (1986), *Não foi o que você pediu?* (1991). Graciliano escolheu o belo “Onde estará Esmeralda?”, de Joel Silveira, para a antologia de contos brasileiros. Confirmam-se os artigos de Graciliano “Os sapateiros da literatura” e “Os tostões do sr. Mário de Andrade” (*Linhas tortas*). Ver: SILVEIRA, Joel. “Vida, prisões, glória e morte de Graciliano”; “Com d. Heloísa Ramos, pelos caminhos de Graciliano” (1978). In: *Tempo de contar*. Rio de Janeiro: Record, 1985; MÜHLHAUS, Carla; CALLADO, Ana Arruda et al. *Por trás da entrevista*. Rio de Janeiro: Record, 2007.
3. Promovido pela editora José Olympio em dezembro de 1937, o Prêmio Humberto de Campos contou com Graciliano Ramos, Marques Rebelo, Prudente de Moraes Neto, Dias da Costa e Peregrino Júnior no júri. *Maria Perigosa*, de Luís Jardim, venceu, por pouco, o livro de *Viator*. Este era o pseudônimo de Guimarães Rosa, que reescreveu os contos e publicou *Sagarana* em 1946. “Prêmios” (1939), “Um livro inédito” (1939) e “Conversa de bastidores” (1946), crônicas incluídas em *Linhas tortas*, trazem a perspectiva de Graciliano Ramos sobre o prêmio.
 4. Raimundo Magalhães Júnior (Ubajara, Ceará, 1907 — Rio de Janeiro, RJ, 1981): jornalista, biógrafo e teatrólogo, membro da Academia Brasileira de Letras. Começou como redator-chefe na *Folha do Comércio*, no Rio de Janeiro, em 1930. Foi secretário de *A Noite Ilustrada*, um dos fundadores do *Diário de Notícias*, diretor das revistas *Carioca*, *Vamos Ler!* e *Revista da Semana*, e redator de *A Noite*. Eleito vereador do Distrito Federal em 1949 e em 1954. Autor teatral, escreveu, entre outras: *Carlota Joaquina* (1940), *Vila Rica* (1945), *Canção dentro do pão* (1945). Figura na *Antologia dos poetas bissextos contemporâneos*, de Manuel Bandeira, e traduziu poetas franceses. Publicou livros de contos e de crônicas, como *Fuga e outros contos* (1936), *Janela aberta* (1945). Graciliano incluiu na antologia o conto “Rio movido”. Pesquisador incansável, dedicou-se a publicar os volumes da obra esparsa de Machado de Assis, além de várias biografias, antologias, dicionários, ensaios, entre os quais: *Artur Azevedo e sua época* (1953); *Ideias e imagens de Machado de Assis* (1956); *Machado de Assis desconhecido* (1955); *Poesia e vida de Cruz e Sousa* (1961); *Poesia e vida de Álvares de Azevedo* (1962); *Poesia e vida de Casimiro de Abreu* (1965); *A vida turbulenta de José do Patrocínio* (1969); *Martins Pena e sua época* (1971); *José de Alencar e sua época* (1971); *Dicionário brasileiro de provérbios, locuções e ditos curiosos* (1974); *Olavo Bilac e sua época* (1974); *Poesia e vida de Augusto dos Anjos* (1977); *A vida vertiginosa de João do Rio* (1978).
 5. Referência à região de Lobato, nas cercanias de Salvador, onde foi aberto o primeiro poço produtor de petróleo do Brasil, no final dos anos 1930 (COHN, Gabriel. *Petróleo e nacionalismo*. São Paulo: Difel, 1968, p. 25).
 6. Além de participar como jurado de alguns concursos literários, Graciliano frequentemente era recrutado a avaliar os originais que jovens

escritores lhe entregavam. Entre outros, estes foram os casos de Guilherme Figueiredo, autor do romance *Trinta anos sem paisagem*, editado pela José Olympio em 1939, e de Alina Paim, escritora baiana cujos livros *Estrada da liberdade* (1944) e *Simão Dias* (1949) passaram pelo escrutínio do autor alagoano (ver MORAES, Dênis de. *O velho Graça*. 1ª ed. rev. e ampl. São Paulo: Boitempo, 2012, pp. 192-5).

7. Uma versão preliminar dessas “Conversas com Graciliano Ramos” foi publicada com o título “Graciliano sempre Graciliano”, pelo jornalista sergipano, no livro RAMOS, Graciliano. *Relatórios*. Organização de Mário Hélio Gomes de Lima. Rio de Janeiro: Record; Recife: Fundação de Cultura da Cidade do Recife, 1994, pp. 15-8.